

GERUZA ZELNYS
[ORG.]

AMANDA B. ALMEIDA
[COLAB.]

ESQUIZOESTÓRIAS

EXPERIMENTOS COM LITERATURA E ESQUIZOANÁLISE

1ª EDIÇÃO | SÃO PAULO | 2023

 **Fábrica**
de cânones

Copyright © Fábrica de cânones, 2023

ESQUIZOESTÓRIAS experimentos com literatura e esquizoanálise © Geruza Zelnys (org.), 2023



Editor

Eduardo Guimarães

Revisor

Guilherme Sakai

Colaboradora

Amanda B. Almeida

Capa, projeto gráfico, diagramação e ilustrações

Regina Dantas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Ana Paula Cechinel CRB-8/9062)

Z51 Esquizestórias - experimentos com literatura e esquizoanálise/
Geruza Zelnys, organizadora - São Paulo : Fábrica de cânones, 2023.
ISBN 978-65-85148-09-2
1. Poesia brasileira 2. Ensaio brasileiro I. Título.

CDD 8041

Fábrica de cânones

R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana

CEP: 04012-010, São Paulo - SP - Brasil

Tel: (11) 98338-2314

@fabricadecanones

fabricadecanones.com.br

ESQUIZOESTÓRIAS

1. é uma oficina-clínica-experimento: campo aberto-fechado de discussão que convoca a um gesto autoral inusitado: a (re)criação das narrativas poéticas que escorrem de nossos corpos intensivos no transcurso entre paisagens interiores e exteriores. Com o dispositivo clínico-político-poético da contaminação, desfazemos rostos e dizemos sim à multiplicidade incapturável que podemos ser
2. é um livro-acontecimento. Nessas páginas, leem-se textos cuja autoria é resultado de uma explosão de vozes, de um percurso clínico-crítico-literário no qual nos deixamos contaminar por múltiplos olhares e afetos. Esquizoliteratura manejada por esquizescritoras
3. nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível. (Roland Barthes, Aula)

PALAVRAS ALIADAS

escrita curativa, escrita criativa, ficção, desrostificação, poesia, corpo social, corpo ritualístico, devir, meta/trans/morfose, humanos e não-humanos, máscaras cósmicas, combate alegre, clínica da vida.

ÍNDICE

- 7 AVISO A QUEM NAVEGA
(AMANDA BARRETTA ALMEIDA)
- 10 ESQUIZOLIVRO
(GERUZA ZELNYS)
- 9 *LATURRA
- 19 *MYSTHA
- 35 *BUTOTAKE TINAE
- 45 *DIONÍSIA
- 59 *MAYA ARTEMISA
- 73 *MUTUM
- 83 *MOSCÔSMICA
- 95 *TARTARUGA-KRAIT
- 111 *SETEO'FILIUS TERTIUR ADAM
- 127 *NEBULOSA DO PEQUENO FANTASMA
- 136 APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS
- 138 A ESQUIZOESTÓRIAS SOB O OLHAR DA ESQUIZOANÁLISE
(LUIZ FUGANTI)

AVISO A QUEM NAVEGA

É preciso avisar à pessoa que chega que este livro não se trata de uma coletânea.

Os vários nomes que figuram autoria nesta obra foram convidados a se despirem de seus rostos ao longo de uma caminhada _ literalmente _ rizomática. Portanto a autoria que aqui surge é pessoal, mas também fruto da coletividade vivenciada no processo. Não se tratou de buscarmos nossas individualidades, particularidades ou de encontrarmos “nosso estilo”, tampouco de nos misturarmos ou de criarmos um agrupamento com qualquer finalidade comum. Foi no campo do encontro que nos diferenciamos.

O que posso dizer da minha experiência é que o processo se fez muito mais de me lançar, me deixar tocar - atravessar, me perder e continuar criando *mesmo assim*. As provocações trazidas pela Geruza nos instigavam a produzir textos a partir de atravessamentos, que possibilitaram experimentações _ existenciais até _ que se manifestavam em composições literárias. A exposição de uma parte de um eu - estranhado, conhecido, confortável? ou não - encontrava outras partículas de outros eus manifestados pelos seus atravessamentos por aqui que, a este ponto, já não eram só m_eus.

Uma dinâmica de encontros, produção criativa em constante diferenciação de si. Experiência viva de um modo esquizo de estar, que como vi_vemos, se dá no encontro proporcionado por tempos de isolamento social _ e proximidade virtual _ transcendendo qualquer juízo de valor sobre as limitações desses dispositivos.

Este foi meu segundo curso com a Geruza, e apesar de ser também uma aprendiz da esquizoanálise, acredito que este percurso não tenha como necessidade qualquer afinidade com conceitos ou abordagem filosófica. Ao contrário. A esquizoanálise aqui se coloca como fio poético da corda bamba que a gente percorre entre o antes e o depois que se organizam para todos os lados da aventura. Mais uma vez ela se mostra como um imenso território que performatiza o pensamento contemporâneo, cujos conceitos são pontos de encontro e respiro na criação de alianças possíveis.

Arcabouço artístico-científico _ cuja proximidade também se apresenta altamente contemporânea _ colocado nas mãos-corpo-desejo da feiticeira da palavra escrita e da provocação à normose; Geruza Zelnys convida a uma experiência quase psicodélica, *psicoesquizomagia*, de onde nossos corpos não saem do mesmo jeito que entram, tampouco nossa escrita. E modos de existir.

AMANDA BARRETTA ALMEIDA

*LATURRA

[EXPOSITORA]



O livro como imagem do mundo é de toda maneira uma ideia insípida. Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre

EXPERIMENTO 1 – O CORPO CRIADO

ESPECTADORA 1 – DIONÍSIA

Em algum momento da história, aquela pergunta ficou sem resposta. Seus olhos se agitaram em movimentos difusos, à procura de sentidos que nunca se concretizaram.

O que viu aquela menina por detrás da porta da fronteira da infância? Que histórias ficaram por contar depois daquele dia?

Uma delas parece ter se alojado logo abaixo do lábio esquerdo.

Prendendo, talvez, a última palavra suspensa, que escapou por um breve momento, sem tempo para cumprir seu desfecho até os ouvidos a quem fora endereçada.

Outras duas, bastante parecidas, quem sabe tenham nascido de um choro represado, há muito contido. Talvez de um conto triste, tantas vezes contado que acabou por tornar-se verdade...

Não sabemos...

Há ainda aquelas que parecem perdidas em diferentes lugares deste rosto-território, a espera do desejo de serem expostas, como cravos pretos há muito cultivados naquela que talvez tenha sido uma adolescência tardia.

ESPECTADORA 2 – MYSTHA

À noite

A ponta vermelha do nariz
denuncia o calor escondido sob a
Pele.

Olhos inquietos não param de pensar
nem por um segundo
nos diversos afazeres da terça de manhã.

O contorno amigável dos vincos da boca
convidam baixinho
a uma dança inocente.

O rosto cheio e redondo
lembra os mistérios da
Lua.

Enquanto lava a louça acumulada
sonha pela janela
com as viagens que ainda
não fez.

Enxuga as mãos,
põe um disco na vitrola antiga que herdou da avó
e termina a noite de segunda com uma taça de
tinto
Afinal, ninguém é de
ferro.

ESPECTADORA 3 – TARTARUGA KRAIT

cabelo que moldura o rosto
círculo de fogo
beleza
nas bochechas rosadas
entediada?
faz movimentos curtos
com olhos plasmados
tenta ficar ereta
faceira, brinca com os olhos
e seduz em círculos

ESPECTADORA 4 – SETEO’FILIUS TERTIUS ADAM

PUERI

Seus olhos revelam que ela nunca deixou de se espantar com o mundo. É por isso que algo da criança que Amanda foi ainda persiste em seu rosto. As bochechas redondas e a face rosada revelam a menina que ela nunca deixou de ser. Uma menina sempre em busca de um afeto que a segura materna não lhe dava.

uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre n-1 (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a n-1. (Deleuze e Guattari. Mil Platôs)

Em seus ombros infantis, desde cedo ela levou o desamor e o incomensurável do próprio espanto. Quando amadurece com um espanto persistente nos olhos, a pessoa tende a ficar mais leve. Surpreender-se mantém aguda a vitalidade. O mesmo, no entanto, não ocorre em relação ao desamor materno. Uma vez colocado sobre os ombros de alguém, é um peso perene. É sempre uma incompletude oprimindo demais.

Sempre ouviu que tivera tudo da mãe, que criou sozinha ela e o irmão: casa, comida, boas escolas, roupas, médicos. Mas faltava o acolhimento. Faltava sentir que aquele colo pertencia a ela, à menina que fora. Faltavam os braços da mãe abraçando um pouco mais a filha e um pouco menos o mundo. Amanda lutava contra o peso dessa falta inominada mantendo uma edaz fome de mundo. Fome do novo, fome de ideias. Fome de transformações.

Sentia que uma única vida e um único corpo eram insuficientes. Por isso, recorria a tudo que pudesse reinventar a si própria, torná-la múltipla. Mergulhou na descoberta invocatória de ancestrais presos às suas sobancelhas, aos cabelos cacheados, ou na ponta do queixo. Frequentemente, Amanda evoca essas entidades. E o que elas respondiam? Sua boca nem sempre o diz.

Há silêncios que costumam ser mais eloquentes. Como o silêncio em que mergulhou, na única vez em que recusou comida na vida. A lembrança era uma névoa nítida. Ela devia ter, no máximo, quatro anos. A mãe ralhava, ralhava, mas ela dizia que não queria comer. Até que não conseguiu segurar mais. Pediu que a mãe fizesse aviãozinho igual estava fazendo para dar papinha ao irmãozinho mais novo. Arrepia-se até hoje ao lembrar da voz materna, adentrando seus ouvidos como uma lâmina.

– Você não tem vergonha, não?

A mãe se levantou e retirou seu prato. Naquela noite, ela foi dormir com mais uma fome roncando dentro da barriga.

ESPECTADORA 5 – MATAMOROS

tens medo?

o que te implica no corpo? o corpo. o quê? o que se aplica ao corpo? em que implica? o corpo? teu... pli pli pli... como se aplica o corpo? como se... estamos dentro

uma base espacial
especial e aérea
mas pétalas ainda te cobrem o rosto
por que te cobres, cobra? sssssssssssssssuAveSsssss
erpente...
te pesas o mundo? mas também o café e outras drogas... o que te arcas
as sobancelhas? famintos, os olhos
de liberdade... pétalas ainda te cobrem
cobras
a quem?

O CORPO CRIADO
[LATURRA]

A pureza
é suja
evita o desejo

a fome
é pobre
disfarça o vazio

o que vejo
no que vejo
que me vê
quando não vejo

o sonho, contorno do corpo
parado
suado
gasto
maltrapilho

o sorriso
é fuga
medo-pulga
atrás da orelha

a linha
pula

o desejo
é puro
disfarce duro
do vazio
que evita

o corpo
pluga
medo
na orelha

a linha
maltrata
empilha
o sonho
na pia

tudo que vejo
é fuga
do que vejo
quando não me vejo
no que me vê-desejo
(pureza é o caralho)

modelar, ou ainda numa coerência que faz mesmidade: mesmos temas, mesmos tratamentos, mesmos buracos. É essa a autoria que, aqui, explode em textos atravessados de outros textos, de encontros e desencontros, roubos e raptos, incorporações e deslucamentos.

Autoria aqui é o nome de uma criação coletiva - toda criação é coletiva - mas, também, de uma singularidade que está na maneira de se movimentar, de imergir e emergir no caldo relacional dos afetos.

Uma maneira de composição: compor o múltiplo fazendo acontecimentos de escrita, ou da escrita o acontecimento. Em outras palavras, é um modo de pegar a coisa pelo rabo e de se ater com ela. Tudo menos o todo. Essa é a brincadeira de um esquizolívoro. Porque texto aqui é rosto.

EXPERIMENTO 2 – CORPO CRIADOR

ESPECTADORA 1 – TARTARUGA-KRAIT

ela oferece as flores	das folhas
como sedução arbórea	
maravilhosa e maravilhada	ela oferece a beleza
é metade inteira	da terra seca
inteireza em si	do batom rasgado
	da tristeza borrada
ela oferece ombros	do desejo contido
bochechas	
seios	ela oferece-se
argilosos	e na oferenda
misturança de terra e cabelo	recolhe-se
ela oferece os olhos	ela
para encontrar no outro	recolhida
um pedaço	oferenda
do gozo	sedução
gozado dentro	

* O CORPO CRIADOR *

[LATURRA]

FLUXO 1: EFEITO-TEMPO, ÔBVIO-LENTO

No canto do queixo um bocado de pele parecia querer fugir.
Até ela, ou talvez primeiro ela, nesses tempos sufocantes, pele em fuga

... fosse o grito do que o corpo murmurava contido
entre uma roupa por estender e um email pra enviar
A pele que foge à doçura
A pele que foge à forma. A pele que foge dela.
A pele que anuncia o tempo que está por vir e o que já foi
Contornos se alastram querendo levar o resto

Derretendo a pele. Dissolvendo superfícies
Destino.
Um lugar sem nome, sem horas, sem armas, sem gritos,
livre de estupidez
Colorido e dançante
Desejo
... ser lama; suspiro.
Enfiar o pé e dar risada de Desespero
Sentir o planeta que sustenta
Prazer.
Muito prazer em te reconhecer.
Mentira.

Ser mulher...
Um zumbido, um escuro caía diante dos olhos
_é Quê!?
Nunca que chegava a palavra...
... Vertigem.

ser nada, possível?
longe disso que parece certo, qualquer-coisa,
séria e divertida. Dá tempo?
Batom, saia, sorriso, boas maneiras, a civilidade possível.
Fecha a perna
Fantasia.
A brutalidade se insinua
E transborda no fim de semana

A fala distraída, a ameaça acidental
Um ser criado por lobos.
Desprovido de linguagem. Uma desconfiança que agride
O amor era uma planta que crescia no jardim
Com raízes profundas invisíveis aos olhos terrenos
Silêncio e nada.
Depois todos voltam para seus postos de trabalhos
Domesticados. Estão todos

A casa, a roupa, o bicho, a fotografia na rede social, o presente
na data certa, a ida e a vinda, o trânsito, a hora que circula
igual em suas linhas retas no relógio redondo... a hora.

E o que é o rosto no papel senão o nome?
E quanto mais reconhecido o nome próprio, ou o nome como posse e propriedade, mais prisioneiro das
expectativas que nele se acoplam para sugar sua potência de acontecer

outro

ROSTO

De quantos nomes é feito um texto? Quando se batiza um texto com um nome de autor, esse texto também já virou ele mesmo um rosto? Nomear é conhecer? Escrever é pois mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. (Foucault. O que é um autor?)

Sempre igual.

O espaço vazio é ausência de si mesma.

São vinte e quatro horas num dia e todas elas são exatamente iguais, sessenta minutos redondamente lineares, segundos e milhares de milésimos de segundos invisíveis e incontáveis... eles, sim, poderiam se rebelar.

FLUXO 2: AUTOACONTECIMENTO

O labirinto é o território ficcional onde a autora deposita sua obra.

A perspectiva de ser descoberta por trás da máscara que brota florestas e lamaçais torna-a levemente sedutora

Ainda que votos de inocência e pueridão prevaleçam desde a infância

Não se pode trair o perpetrador

A ele deve-se obediência

E é assim que ela esconde suas verdadeiras intenções quando escreve

Trazer o leitor para dentro do aquário para um suicídio assistido

Fazer-se muda

Semente

Voltar à origem

Começar de novo

Rasgar a pele frouxa

Escorrer a carne tonta

Gritar já perto do fim

O Amor

era

a melhor

verdade